

BULLYING: UMA BRINCADEIRA SEM A MENOR GRAÇA

Izaque Pereira de Souza
Carmem Célia Barradas Correia Bastos (Orientadora/Unioeste)
ipsouza.souza@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Centro de Educação e Artes –
Cascavel – PR.

Palavras-chave: violência, *bullying*, educação.

Resumo

A violência vem permeando cada vez mais as relações de ensino e os ambientes escolares e se manifestando das mais variadas formas. Uma dessas formas, que apesar de relativamente recente tem tomado cada vez mais corpo nas instituições escolares, é o *bullying*. O *bullying* – tipo de agressão, que pode ser física ou psicológica, com o intuito de ridicularizar e humilhar - que além de ocorrer com uma frequência muito maior do que se admite, produz efeitos muito mais devastadores do que imaginamos. E o mais preocupante: a própria realidade escolar pode ser um ambiente fértil para a sua manutenção, uma vez que nem sempre o docente está preparado para lidar com tal situação.

Por esse motivo se faz necessária uma observação mais detida no movimento ocorrido na comunidade escolar. Isso porque, algumas vezes, uma atitude encarada como típica ou inocente pode esconder uma intencionalidade muito mais cruel do que se gostaria de reconhecer.

Introdução

A escola nem sempre consegue se posicionar como um espaço em que se desperta no ser humano a arte do pensamento e da reflexão; na maior parte das vezes acaba por se tornar um microcosmo de batalhas, pequenas no tamanho mas grandes o suficiente para causar estragos muitas vezes de improvável reparação.

Um exemplo que pode ir ao encontro desse raciocínio e que tem sido verificado com grande frequência no cotidiano escolar é o *Bullying*. O *Bullying* escolar, termo sem uma tradução exata para o português, é um tipo de agressão – que pode ser física ou psicológica – que tem o intuito de humilhar e ridicularizar. Ocorre de maneira contumaz e deixa sem ação todos os agentes envolvidos, quer direta ou indiretamente. As vítimas se calam; a escola, por não saber como lidar corretamente, se omite; os pais, talvez por inabilidade, procuram uma razão para encarar tal comportamento como uma “fase” pela qual passam todos.

Aqui não se tratam daquelas brincadeiras simples, próprias da infância, mas de casos de violência, que em muitos casos ocorre de forma velada. São agressões morais ou até físicas que podem causar danos

psicológicos para a criança e o adolescente, danos esses que se não trabalhados em tempo se tornam irreversíveis ou desencadeadores de outros transtornos. O *bullying* é utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica contra alguém em desvantagem de poder, sem motivação aparente e que causa dor e humilhação a quem sofre.

Dessa maneira, a escola, que deveria ser um espaço de reflexão e transmissão de valores humanizantes, acaba se tornando um campo de construção da delinquência. E essa tensão não se restringe aos muros escolares; a postura – tanto do sujeito ativo quanto do passivo – é reproduzida fora dali, afetando a todos de alguma maneira. Isso porque o comportamento anti-social da conduta acaba por alterar a percepção de mundo e de indivíduo dos envolvidos, fazendo com que os chamados “freios coercitivos” (aqueles conceitos que são trabalhados ao longo de nossas vidas e que determinam limites aos nossos atos) sejam desconsiderados.

Tal consideração só reforça a idéia de que ignorar o fenômeno da violência, independente da forma que este se apresente, é propiciar a criação de um campo fértil para a sua instalação.

Material e Métodos

Adotou-se como procedimento técnico a utilização de material bibliográfico, lançando mão de livros, revistas, periódicos e sítios virtuais (internet). Quanto ao método científico, usou-se o dialético uma vez que este nos traz em suma que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político, econômico, psicológico – entre outros - o que vai ao encontro da idéia que procuramos trazer no presente artigo.

Resultados, Discussão e Considerações

A discussão sobre a violência escolar nos traz um tema que tem se tornado cada vez mais recorrente no meio estudantil: o *bullying*. O termo de origem inglesa e sem tradução para o português é utilizado para descrever atos de violência de cunho físico ou psicológico e passou a receber maior atenção na medida em que alguns fatores foram sendo verificados de maneira reiterada e, muitas vezes, agravada (BARROS, 2008).

Cotidianamente, em todas as escolas do mundo, um sem-número de alunos sofre algum tipo de violência que vem mascarada na forma de brincadeira ou outro comportamento que até há bem pouco tempo era considerado inofensivo ou “típico da idade”. No entanto, percebeu-se que atitudes que podem parecer inocentes como colocar apelidos, assediar moralmente, intimidar através de gestos ou até mesmo ignorar, tinha um nome mais específico e implicações bem mais graves.

O *Bullying* é um conceito específico e não se deixa confundir com outras formas de violência, justamente por ter algo bem peculiar: a capacidade de deixar traumas que perdurarão por muito tempo – senão por toda a vida – ou desencadearão outros traumas. Possui também três características básicas: é um comportamento agressivo e negativo,

executado de maneira reiterada e uma das partes obrigatoriamente está em desvantagem de poder, em relação à outra (BARROS, 2008).

Partindo desse pressuposto fica fácil imaginar uma situação hipotética: um indivíduo mais retraído, passivo (a vítima) é achacado por outro (o autor) que o obriga a lhe entregar o lanche ou dinheiro, humilhando-o frente aos demais colegas, que presenciam o fato (testemunhas).

Para quem assiste a cena pode parecer que o poder do agressor está diretamente ligado à percepção da vítima com relação ao ato, já que esta se sente totalmente intimidada para oferecer algum tipo de resistência, seja por temer o agressor – devido a ameaças ou concretizações de violência física - ou mesmo por não ter meios de resisti-lo.

E assim se constitui um ciclo difícil de ser quebrado sem uma intervenção externa. Mesmo para quem testemunha o fato, a situação é desconcertante; a própria decisão de não se envolver pode ter uma série de motivações que pode ir do medo de ser o próximo a estar na posição da vítima ao prazer sádico de presenciar alguém em uma situação humilhante. Em ambos os casos, as conseqüências a médio e longo prazo são desastrosas.

A não-intervenção efetiva contra as ações de *bullying* no ambiente escolar, fazem com que este se torne totalmente contaminado; todos os alunos são afetados e passam a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Em alguns casos, como a escola se apresenta no momento em que os freios coercitivos estão sendo delimitados, alunos que testemunham situações de *bullying* e percebem que o comportamento agressivo não traz nenhuma conseqüência para o agente agressor, podem desejar praticá-lo também, numa lógica de experimentação.

Uma das maiores preocupações, no que diz respeito a questões de comportamento social, está voltada para o sujeito ativo do *bullying*. Isto porque, acredita-se que aquele que pratique o *bullying* poderá levar para a vida adulta o mesmo comportamento anti-social e adotar as mesmas atitudes agressivas no seio familiar ou ambiente de trabalho, passando a figurar em episódios de violência doméstica ou outros delitos do gênero (BARROS, 2008).

Porém, há de se considerar ainda que as vítimas também podem, em resposta às humilhações sofridas de maneira contínua e injustificada, desenvolver comportamentos agressivos e extremos. Isso porque a prática do *bullying*, que ocorre de maneira reiterada, gera sentimentos de ira, insegurança e desespero que podem ser externados de diversas maneiras e os comportamentos agressivos são totalmente compreensíveis. A agressividade pode, num primeiro momento voltar-se contra a própria vítima que, num ato de desespero, decide abreviar seu sofrimento e comete suicídio ou ainda converter-se em vingança – e nesse segundo caso o número de envolvidos diretamente nas conseqüências do *bullying* são bem maiores.

Tudo porque para o alvo, nem sempre as testemunhas serão vistas como meros expectadores. São colegas, pessoas que fazem parte de seu cotidiano e que sabem que o ato praticado pelo ator/agente é arbitrário e

injusto. Mesmo assim, pelos mais variados motivos, decidem se omitir. E essa omissão é razão suficiente para justificar uma punição, situações que infelizmente temos verificado com certa regularidade.

Um dos casos de grande projeção midiática foi o ocorrido em Columbine, em meados de 1999, ganhando uma versão no cinema em 2002, por Michael Moore. Nesse episódio dois estudantes (Eric Harris e Dylan Klebold) do colégio local (Instituto Columbine) entraram atirando a esmo, explodindo bombas e executando com tiros na cabeça alguns dos melhores atletas da escola. A motivação se deve ao fato de que, por preferirem computadores às quadras de esporte e usarem roupas e capas pretas durante todo o ano, eram constantemente ridicularizados pelos demais, o que despertou em ambos o desejo de vingança, desejo este que se concretizou de maneira meticulosamente planejada e violenta.

No Brasil, fato análogo chocou a população de uma cidade do interior de São Paulo. Um aluno da 3ª série do ensino médio, invade a sala onde eram ministradas aulas de recuperação, atira contra as cerca de 50 pessoas que estavam presentes e se mata em seguida. Segundo colegas, a justificativa era o fato de ser o aluno obeso e isso ser motivo de piadas entre os colegas (DREYER, 2005).

Apesar de relativamente recente, o *bullying* tem ganhado grande atenção por ser um fenômeno mundial. De acordo com Fante (2005):

Trata-se de um problema mundial, encontrado em todas as escolas, que vem se disseminado largamente nos últimos anos e que só recentemente vem sendo estudado em nosso país. Em todo o mundo, as taxas de prevalência de *bullying*, revelam que entre 5% a 35% dos alunos estão envolvidos no fenômeno. No Brasil, através de pesquisas que realizamos, inicialmente no interior do estado de São Paulo, em estabelecimentos de ensino públicos e privados, com um universo de 1.761 alunos, comprovamos que 49% dos alunos estavam envolvidos no fenômeno. Desses, 22% figuravam como “vítimas”; 15% como “agressores” e 12% como “vítimas-agressoras”.

E é um comportamento abusivo que pode apresentar gêneses variadas. Ausência de limites, carência afetiva, necessidade de auto-afirmação, excessos nas práticas educativas dos pais sobre os filhos são alguns exemplos clássicos que influenciam no comportamento do indivíduo. Ainda segundo Fante (2005):

Em nossos estudos constatamos que 80% daqueles classificados como “agressores”, atribuíram como causa principal do seu comportamento, a necessidade de reproduzir contra outros os maus-tratos sofridos em casa ou na escola. Em decorrência desse dado extremamente relevante, nos motivamos em pesquisas e estudos, que nos possibilitou identificar a existência de uma doença psicossocial expansiva, desencadeadora de um conjunto de sinais e sintomas, a qual denominamos SMAR - Síndrome de Maus-tratos Repetitivos.

O portador dessa síndrome possui necessidade de dominar, de subjugar e de impor sua autoridade sobre outrem, mediante coação; necessidade de aceitação e de pertencimento a um grupo; de auto-afirmação, de chamar a atenção para si. Possui ainda, a incapacidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos (...).

É oriunda do modelo educativo predominante introjetado pela criança na primeira infância. Sendo repetidamente exposta a estímulos agressivos, aversivos ao seu psiquismo, a criança se introjeta inconscientemente ao seu repertório comportamental e transforma-se posteriormente em uma dinâmica psíquica “mandante” de suas ações e reações. Dessa forma, se tornará predisposta a reproduzir a agressividade sofrida ou a reprimi-la, comprometendo, assim, seu processo de desenvolvimento social.

Contudo, é válido pontuar que o *bullying* não envolve necessariamente criminalidade ou violência, embora a violência física seja o fator mais impressionante dessa figura. Ele pode ser muito mais efetivo se vier de maneira indireta, através do abuso psicológico ou verbal, o que é mais verificado no meio feminino em situações de exclusão pelo caráter estético ou social.

Na escola, o *bullying* acontece em circunstâncias de difícil supervisão por parte dos docentes e coordenadores como por exemplo nos intervalos, onde o fluxo de alunos é intenso e sabe-se ser impossível fiscalizar as atitudes de todos. E talvez, por esse motivo, não seja esse o melhor caminho a ser tomado.

O primeiro passo talvez seja deixar de lado algumas discussões sem nenhum senso prático como, por exemplo, a que alguns teóricos fazem em cima do termo. A título de exemplo, a socióloga Miriam Abramovay em entrevista recente, afirmou que tal prática não existe no país e que substituímos a questão da violência na escola por esse termo – que para ela trata apenas da intimidação - seria esvaziar anos de discussão sobre a violência nas escolas (DREYER, 2005).

Entretanto, se num primeiro momento a intimidação acaba sendo um objeto marcante nessa prática, há que se considerar que, além do fato de ser o *bullying* uma das manifestações da violência escolar, seus efeitos são muito mais devastadores que uma atitude explosiva porém momentânea. Fante (2005) explica muito bem esse raciocínio ao expor que

este fenômeno comportamental atinge a área mais preciosa, íntima e inviolável do ser; a sua alma. Envolve e vitimiza a criança, na tenra idade escolar, tornando-a refém de ansiedade e de emoções, que interferem negativamente nos seus processos de aprendizagem devido à excessiva mobilização de emoções de medo, de angústia e de raiva reprimida. A forte carga emocional traumática da experiência vivenciada, registrada em seus arquivos de memória, poderá aprisionar sua mente a construções inconscientes de cadeias de pensamentos desorganizados, que

interferirão no desenvolvimento da sua autopercepção e auto-estima, comprometendo sua capacidade de auto-superação na vida. Dependendo do grau de sofrimento vivido pela criança, ela poderá sentir-se ancorada a construções inconscientes de pensamentos de vingança e de suicídio, ou manifestar determinados tipos de comportamentos agressivos ou violentos, prejudiciais a si mesma e à sociedade (...).

E daí decorrerão uma série de comportamentos indesejados que serão cultivados durante toda sua trajetória.

Outro fator importante de se ponderar é a questão de não se depositar na escola todas as expectativas de solução para o problema. É bastante claro que as origens são muitas e que a escola, na maioria das vezes é um espaço onde ocorrem os embates e estes, por sua vez, precisam ser administrados.

(...) a única maneira de combater esse tipo de prática é a cooperação por parte de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais; todos devem estar de acordo com o compromisso de que o bullying não será mais tolerado. As estratégias utilizadas devem ser definidas em cada escola, observando-se suas características e as de sua população. O incentivo ao protagonismo dos alunos, permitindo sua participação nas decisões e no desenvolvimento do projeto, é uma garantia ainda maior de sucesso. Não há geralmente, necessidade de atuação de profissionais especializados; a própria comunidade escolar pode identificar seus problemas e apontar as melhores soluções. (...) A receita é promover um ambiente escolar seguro e sadio, onde haja amizade, solidariedade e respeito às características individuais de cada um de seus alunos (DREYER, 2005, p. 3).

A partir dos altos índices de suicídios bem como ocorrências cujo motivador direto foi o *bullying*, a busca por ações que possam freá-lo vem se verificando – e se acentuando – por todo o mundo. Muitas escolas passaram a organizar programas projetados para promover a cooperação entre os estudantes bem como a formação de alunos para atuarem como moderadores nos casos de disputas, figurando como suporte para seus pares.

No Brasil, em uma escola de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, foi implantado um programa *antibullying*, denominado de “Programa Educar para a Paz”. O programa pode ser definido como um conjunto de estratégias psicopedagógicas que se fundamenta sobre princípios de solidariedade, tolerância e respeito às diferenças (FANTE, 2008, p.4).

Segundo uma das idealizadoras do programa, Cleodence Zonato, esse nome foi escolhido “por acreditarmos que a paz é o maior anseio das crianças envolvidas no fenômeno, bem como de toda a sociedade. Envolve

toda a comunidade escolar, inclusive os pais e a comunidade onde a escola está inserida” (FANTE, 2005). E também nos explica:

grupos de “alunos solidários” atuam como “anjos da guarda” daqueles que apresentam dificuldades de relacionamento, dentro e fora da escola. Grupos de “pais solidários” auxiliam nas brincadeiras do recreio dirigido, junto aos “alunos solidários”. A interiorização de valores humanistas, bem como a discussão de “situações-problema” de cada grupo-classe, são estratégias que visam a educação das emoções, sendo desenvolvidas semanalmente, durante o encontro entre os tutores e suas turmas. Ações solidárias em prol de instituições filantrópicas são objetivos comuns a serem alcançados pela escola e comunidade.

A violência é um fato e mudá-lo, uma necessidade. Ações que envolvam os núcleos que são os responsáveis na formação do indivíduo é a única maneira de se mudar esse panorama. E o processo todo deve começar no âmbito mais interno possível: dos nichos mais elementares – família, escola – para as políticas educacionais mais abrangentes pois é preciso que todos os envolvidos no processo educativo tenham essa consciência de mudança.

Referências

- Aquino, J G. In A violência escolar e a crise da autoridade docente. Caderno Cedes, ano XIX, nº 47. Dezembro, 1998.
- Aquino, J. G. In Violência na Escola, Violências da Escola. Revista Escola. Ano 2006. Disponível em <http://revistaescola.abril>. Acessado em 20/02/2008.
- Barros, A. In Bullying: é preciso levar a sério ao primeiro sinal. Revista Escola, Ano 2008. Disponível em http://revistaescola.abril.com.br/online/reportagem/repsemanal_275348.shtml. Acessado em 21/07/2008.
- Dreyer, D. In Bullying: Brincadeira que não tem graça. Ano 2005. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying/motivacao.asp>. Acessado em 21/01/2009.
- Fante, C. A. Z.. In Fenômeno Bullying e suas conseqüências psicológicas. Ano 2007. Disponível em <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>. Acessado em 26/01/2009.
- Seminário Nacional sobre Violência Urbana e Segurança Pública (Brasília: 2001) Violência urbana e segurança pública: Seminário. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002. 196, 326 p.
- Simon, I. In A Indisciplina Escolar frente a Autoridade Docente. Disponível em www.sieduca.com.br/2006/admin/upload/53.doc. Acessado em 02/01/2009.
- Sposito, M. P. In A Instituição Escolar e a Violência. Disponível em www.iea.usp.br/observatorios/educacao. Acessado em 08/02/2008.

